

Cartografia Escolar e Identidade Cultural : Experiências junto as Comunidades Ribeirinhas do Baixo Amazonas

José Camilo Ramos de Souza

Professor da Universidade do Estado do Amazonas

Professor Pesquisador da FAPEAM

Doutorando em Geografia Física – USP

josecamilo@usp.br

Regina Araújo de Almeida

reginaaa@usp.br

Modadidade: ***Ponencia***

Eixo Temático: ***Enseñanza y aprendizaje de la Geografía***

Caminhos de águas marcadas por remadas, em tempos pretéritos; hoje rabetas e barcos regionais conduzem vidas que passam a perceber a realidade amazônica, no sentido de ver o que existe na comunidade e se apoderar de toda representação natural, social e cultural. É neste contexto que se faz presente a cartografia nas escolas das comunidades ribeirinhas do Baixo Amazonas, porque permite mostrar o lugar cartograficamente; assim explorando o papel dos mapas junto às comunidades tradicionais e analisando as construções gráficas no ensino de Geografia, passou-se a compreender o imaginário e o pensar de quem está construindo a cartografia do lugar. Será apresentado o estudo de caso, destacando a escola no Baixo Amazonas. Escola que exercita o fazer cartográfico nos desenhos das crianças, retratando o seu cotidiano familiar e o que aprendem nas pescarias ou caminhadas pela margem do rio. A pesquisa confirma a relevância dos mapas e dos desenhos para resgatar e valorizar a identidade cultural dessas populações ribeirinhas, como os espaços vividos e percebidos pelas crianças, no Ensino de Geografia. Foram propostas atividades práticas, desenvolvidas em sala de aula, de forma a contemplar os valores, história e experiências dos ribeirinhos, exercitadas nas comunidades e escolas do Baixo Amazonas.

Palavras-Chave: Geografia. Ensino. Amazônia

Introdução

O estudo de Cartografia Escolar e Identidade Cultural : Experiências junto as Comunidades Ribeirinhas do Baixo Amazonas permite fazer uma leitura de mundo, para tanto necessita fazer uma leitura e análise na realidade ribeirinha da Amazônia, como lugar de múltiplas expressões de vida escolar, onde pode ser mostrado o mundo para a criança compreendê-lo e situar-se nele como cidadão conhecedor e leitor de sua realidade.

O contato com a escola de várzea ou de terra-firme ocorreu a partir de viagens pelos rios do Baixo Amazonas, no sentido de compreender a vida do morador ribeirinho, que faz do rio como meio de comunicação com outros lugares, seja cidade ou comunidades, permitindo assim estar na escola para início do estudo de cartografia ribeirinha. Após este contato houve a possibilidade de acompanhar o trabalho do professor em sala de aula e ao mesmo tempo acompanhar o estudante em suas atividades diárias fora da escola, seja em sua casa ou no trabalho com seus pais. Os esforços despendidos tiveram por finalidade compreender o processo de aprendizagem do estudante tanto na escola quanto nos ensinamentos de seus pais, porque a pretensão é a melhoria da educação do campo e conseqüentemente do ensino de geografia, principalmente do uso da cartografia.

A cartografia, foi o instrumento que permitiu ampliar a compreensão sobre o sentimento de identidade do estudante ribeirinho e todo o seu cotidiano, tendo como um outro ponto de partida a própria construção do conhecimento geográfico, vivenciado mais não sistematizado, descobrindo a importância da Geografia para a vida dos estudantes da escola de várzea e de terra-firme, onde constroem e reconstroem seu modo de vida, seus aspectos culturais e seus bens materiais, representados na espacialidade da prática social.

Por fim, a leitura contextualizada adquirida permitiu perceber o processo de construção do conhecimento desenvolvido pelo estudante ribeirinho e a manutenção viva do seu sentimento de identidade a partir do que é proposto pela escola de várzea e de terra-firme, dentro das múltiplas relações sociais, econômicas, culturais, estabelecidas tanto na escola como em sua casa, evidenciando o exercício constante de cidadania dentro da diversidade cultural, projetada na espacialidade da sociedade da qual faz parte.

Assim, o estudante demonstra toda compreensão espacial que possui a partir da representação gráfica, ou seja, a forma que possui de cartografar a sua realidade amazônica.

Realidade ribeirinha do Baixo Amazonas cartografada

Navegar pelo rio Amazonas, no sentido oeste-leste ou leste-oeste, é ter a oportunidade de perceber nas suas margens a exuberante floresta de várzea e em alguns trechos a floresta de terra firme, quando o terciário¹ atinge a margem do grande rio. No meio do verde destacam-se, ao longo das margens, casas fechadas de madeiras e cobertas de palhas ou de telhas, e no seu entorno há plantações de culturas de ciclo rápido, deixando evidente o arranjo espacial das espécies vegetais e no mesmo lugar animais que pastam livremente.

Destaca-se no centro deste cenário, para quem navega descendo o rio Amazonas, a cidade de Parintins, e aos olhos se apresenta como se estivesse flutuando nas águas barrenta do rio. Esta visão deixa quem a observa na distância em dúvida se é um ponto branco no meio do rio e/ou no azul celestial. Quando o barco se aproxima da cidade, percebe-se a torre da catedral e ao mesmo tempo as inúmeras antenas de rádio, televisão e de telefônicas, assim como as torres das luminárias do bumbódromo². As formas tornam-se perfeitas, dentro de seu próprio contraste, e as cores das casas destacam os matizes, assim descritas nas palavras de Oliveira (2000, p.35)

Chega-se à maioria das cidades da Amazônia pelo rio e delas é possível se contemplar uma paisagem cujo limite é o reencontro das paralelas no horizonte em que o céu e as águas parecem se abraçar, quer se olhe em direção ao Ocidente ou ao Oriente. A paisagem citadina avista-se ao longe, aparecendo aos poucos, preguiçosamente aos olhos de quem se aproxima sem pressa de chegar. Quase sempre, o primeiro sinal é a torre da igreja, tão distante que até parece nunca será alcançada [...].

Por isso, é necessário fazer uma descrição do município de Parintins, da comunidade do Paraná do Espírito Santo do Meio e da Escola Pedro Reis Ferreira, fazendo sua devida localização, para poder deixar mais evidente e compreensivo a realidade das comunidades e das escolas ribeirinhas, onde em destaque se encontra o fundamento empírico para a cartografia escolar e a identidade cultural das comunidades ribeirinhas.

Para tanto, faz-se necessário pontuar os aspectos geográficos possibilitadores da utilização para o ensino da geografia, parte importante de composição da construção do

¹ Terciário período que data a idade da Terra, segundo Guerra (2003, pp.132-3) é a idade dos mamíferos, cobrindo mais ou menos 15% do território brasileiro e na bacia do Amazonas, existe formação Pebas, série de Barreiras, formações Manaus etc.

² Local ou arena de apresentação folclórica e principalmente dos bumbás Caprichoso e Garantido.

conhecimento geográfico do estudante ribeirinho das escolas de várzea ou de terra-firme. Além disso, a descrição do lugar permite trabalhar os espaços abstratos, para poder construir uma geografia de significantes e significados, que possibilite compreender a comunidade ribeirinha de Parintins a partir da imagem simbólica construída cotidianamente. Isto pode ser encaminhado a partir da utilização dos mapas mentais, que são eixo da orientação das pessoas dentro do lugar ou do espaço geográfico. Logo, quando se pensa sobre o mundo rural e o urbano, ou se pensa sobre um bairro ou mesmo um país, há de considerar a sua construção antes no imaginário, conduzindo assim o estudante à compreensão do espaço vivido ou percebido, assim analisado por Nogueira (2002, p.130)

Com essa compreensão de percepção, como saber primeiro e do mundo como lugar de existência, podemos interpretar que nos mapas mentais trazem neles representação espacial: o lago é o lugar onde eu pesco; a igreja é o lugar onde eu rezo; o parque é o lugar onde eu brinco. Os mapas mentais contêm saberes sobre os lugares que só quem vive neles pode ter e revelar. Isso em nós reforçou a idéia de que essas representações mentais seriam para nós, geógrafos e professores de Geografia, um material didático de extrema importância para a compreensão dos lugares, pois os dados que estão aí representados, independentemente da exatidão, revelam o lugar tal qual ele é.

É importante salientar a importância do mapa mental como instrumento de ensino de Geografia, e nesta análise descritiva, trabalha-se com o imaginário, no caso, não deve ser compreendido como uma forma de pensar sem sentido, mas o das possibilidades das representações e o de criar as imagens dos espaços locais e globais, para entender as suas intra e inter-relações, como pode ser percebida nas palavras de Nogueira (1994, p.63):

A experiência de vida dos homens deve fazer parte das análises geográficas, o conhecimento humano é adquirido através das experiências temporais, espaciais dos indivíduos. Este conjunto de experiências faz dele um sujeito no mundo. Se a Geografia é uma das ciências sociais que o tem como sujeito de suas reflexões não pode deixar de vê-lo como indivíduo que constrói sua própria imagem das coisas em função de suas percepções individuais. [...].

Assim, o ensino de Geografia permite ao educando, no estudo da compreensão dos espaços, fazer essa leitura do seu cotidiano, de sua realidade e de outras realidades, com isso compreendendo o significado das diferentes paisagens ou lugares projetados, tendo sempre um novo sentido para cada educando.

Dessa forma, a comunidade passa a ser o lugar de expressão de conhecimento tradicional porque permite ao estudante da escola ribeirinha cartografar a realidade vivida cotidianamente, porque ela foi assim percebida e concebida.

O quadro comunitário, de cada comunidade, geralmente é uma pequena área doada por um pecuarista, onde estão erguidos o templo católico ou evangélico, a escola, o centro

social e algumas residências. Os comunitários estão distribuídos ao longo da margem do rio ou do paraná, alguns nos seus terrenos (minifúndios) e outros dentro do terreno dos criadores.

O Paraná do Espírito Santo do Meio  uma das maiores comunidades, concentrando o maior número de moradores (90 famílias, totalizando 528 pessoas – dados fornecidos pela agente de saúde da própria comunidade). Em decorrência de ser uma comunidade plo e ser maior do que as outras, também por estar sobre uma várzea alta, foi erguida a escola Pedro Reis Ferreira, para atender todas as crianças das comunidades, próximas e por possui ensino desde o fundamental (1o ao 5o ano; 6o ao 9o ano, Educao de Jovens e Adultos - EJA e ensino médio mediado, via satélite).

Apesar de existir um grande número de pessoas residindo nas margens do Paraná, não há possibilidade de visualizar as residências, somente algumas casas e vegetao ciliar (vegetao à margem do rio), porque as casas estão construídas a mais de 100 metros da margem do rio, em decorrência do fenmeno “terra-cada”.



Plantao de banana, capoeira e as terras caídas
Foto: José Camilo Ramos de Souza. Janeiro /2005.

A Cartografia Escolar e Identidade Cultural na visão do estudante ribeirinho do Baixo Amazonas

O estudante, como o construtor da cartografia escolar e ribeirinha, possibilitou a compreensão da postura destes sujeitos sociais e até que ponto o ensino de Geografia está ajudando-os a fortalecer seu sentimento de identidade e conseqüentemente a ter uma alfabetizao geográfica que possibilite o exercício da cidadania, para ajudá-lo no seu processo de construo de cidadão ou cidada ativos da sociedade, onde tenham competências de elaborar compreensão dos fenmenos e processos, sejam eles naturais ou sociais. Assim, poderão de posse de habilidades, vivenciar em situaoes de aprendizagem

de diversos níveis de complexidade, quando assim forem exigidos para identificar, descrever e representar conteúdos estudados em cada contexto geográfico.

É importante salientar que o ensino de Geografia na escola de várzea ou de terra-firme, onde todos os interesses estão voltados para o estudante e sua aprendizagem na leitura e compreensão de sua realidade, bem como no entendimento das transformações do espaço próximo e distante pela organização da sociedade e também do entendimento sobre o seu vida de vida em suas dinâmicas próprias, é o momento de mostrar a análise sobre a aprendizagem destes estudantes. Entendendo que aprendizagem, segundo Oliveira (2002, p. 217):

Pouco se tem procurado esclarecer da relação ensino/aprendizagem. O que se sabe é que o processo não se inicia do nada, pois todo conhecimento aprendido é o resultado de uma estruturação na qual intervém, em graus diversos, o ensinado. Pode-se situar a aprendizagem, como experiência adquirida, em razão do meio físico e social. Ou, melhor, a aprendizagem é tudo que, no processo do desenvolvimento mental, não é determinado hereditariamente, ou seja, pela maturação, considerando toda a aquisição obtida ao longo do tempo, isto é, mediata e não imediata, como a percepção ou a compreensão instantânea. A aprendizagem não será produzida pela simples acumulação passiva, mas mediante a atividade exercida sobre os conteúdos, articulando-se uns com os outros.

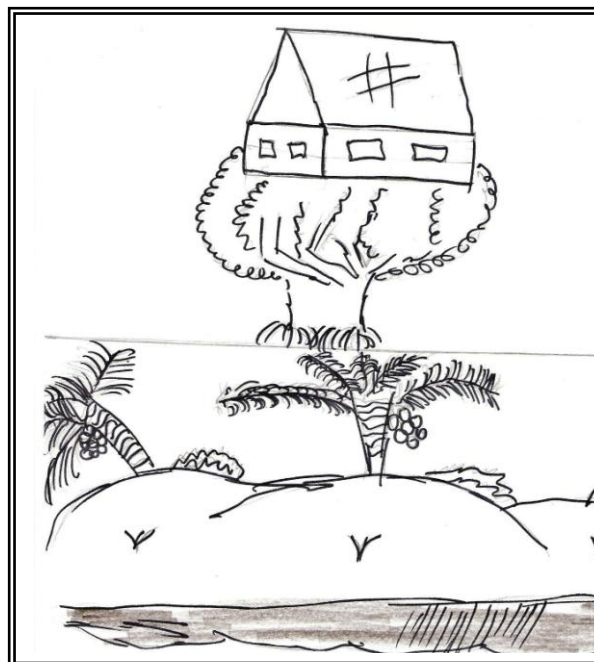
Antes de entrar nas atividades, é válido salientar que cada estudante construiu em sua própria dimensão de significados e níveis de abstração, deixando claro seu nível de compreensão da Geografia estudada em contra ponto com a vivenciada no seu dia-a-dia, além de demonstrar sua própria visão de mundo e sujeito construtor de sua própria historia, como agente conhecedor da sociedade em que vive e atento aos problemas de ordem ambiental, abrindo perspectiva de futuro através do exercício de cidadania.



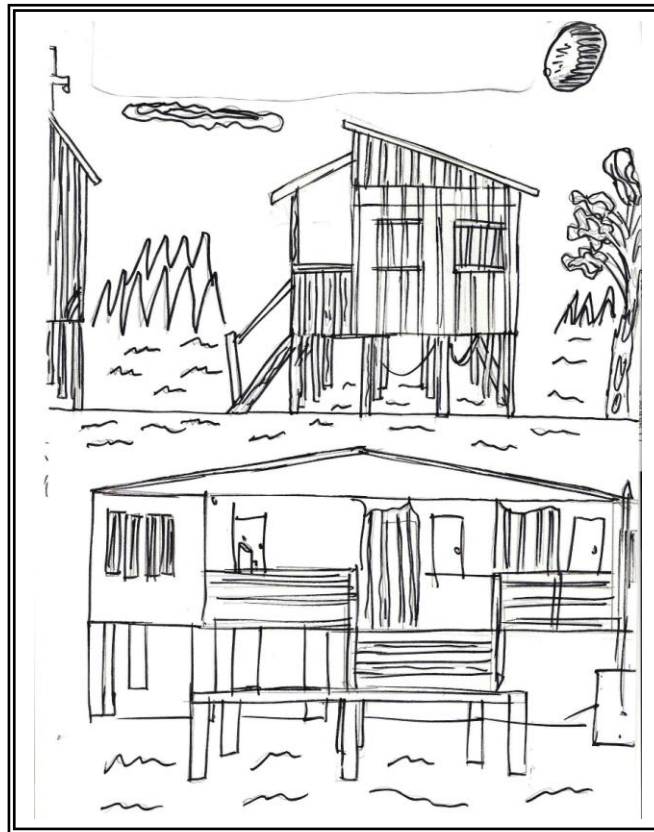
Nesta representação gráfica do espaço, mostra o livro que serve de base para o estudo de Geografia na escola e na representação espacial abaixo representação o lugar de vivência do estudante ribeirinho. Fica evidente a forma como percebe e concebe o lugar, onde é a comunidade ribeirinha, expressão de identidade cultural.



Nesta segunda representação gráfica fica evidente a percepção da curvatura da terra pelo estudante ribeirinho. Esta percepção ocorre quando o mesmo navega no rio Amazonas, admirando o encontro do azul celestial com as águas barrentas.



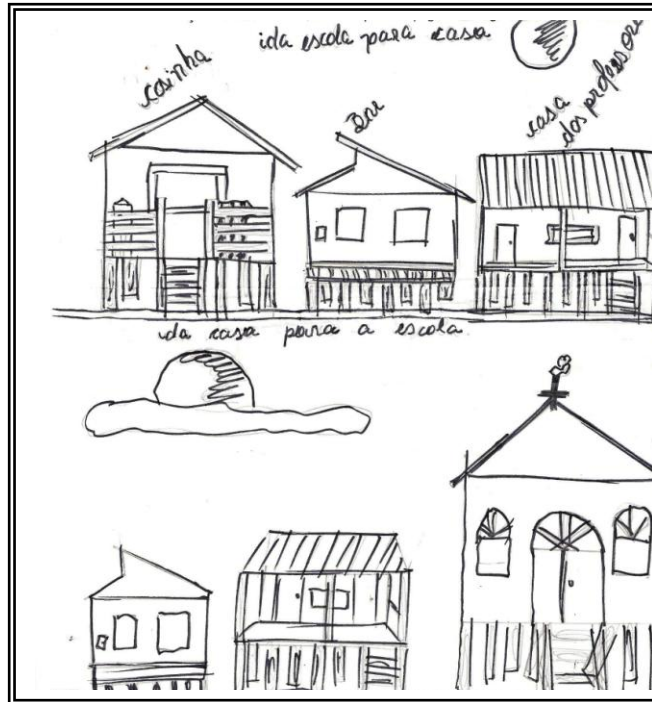
A realidade representada na terceira representação gráfica demonstra a deposição sedimentar feita pelo rio Amazonas, no período da enchente e ao mesmo tempo o estudante apresenta a sua residência, sobre a árvore, no sentido de mostrar, não que viva nos galhos das árvores, mas em forma de palafitas vivendo durante seis meses sobre a água, no período da enchente do rio Amazonas, demonstrado no desenho abaixo.



As palafitas (casas que possuem assoalho – tábuas – sobre troncos), forma de viver e sobreviver sobre as águas, porque as várzeas são terrenos inundáveis. Estes terrenos recebem certa quantidade de sedimentos, renovando a fertilidade do solo, o qual permite produzir alimentos tanto para o consumo como para a comercialização. Dessa forma, o estudante ribeirinho aprende vivendo a Geografia do cotidiano.

Assim, o estudante representa a organização espacial de sua comunidade, forma encontrada não só para desenhar, mas é a forma de cartografar, ou seja, representar a compreensão da realidade espacial a partir da leitura que possui do lugar de vida, o espaço vivido, sentido, percebido e concebido.

Esta demonstração retrata a identidade cultural, porque se sente o conhecedor de sua realidade local interligada com a realidade nacional brasileira, onde é refletida a realidade global.



O lugar espacialmente organizado é resultado da organização dos comunitários dentro do espaço permitido pelos donos dos latifúndios, que cedem para a construção do templo religioso, do centro social, da escola e das residências das pessoas que compõem o quadro social de vivência em comunidade ribeirinha.



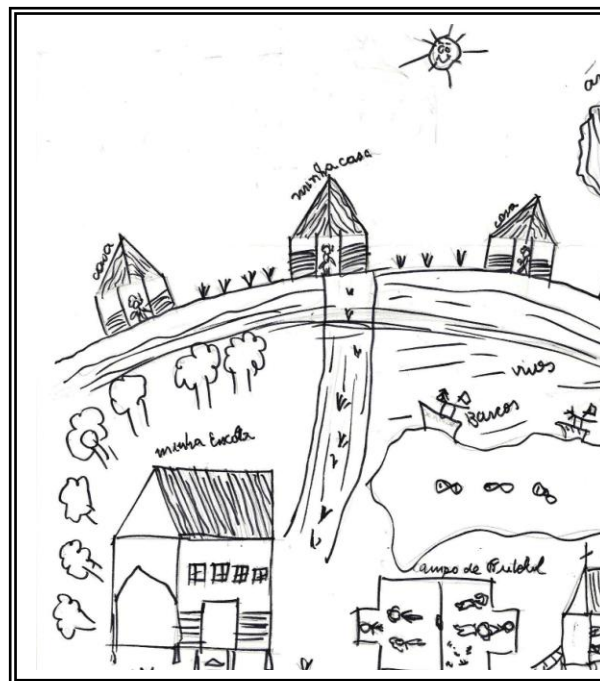
O esperado em cada desenho é que o estudante possa fazer com a visão mais cartográfica e não somente gráfica. Não há uma compreensão do sentido plano da construção do mapa e com isso não tem a visão vertical, porém não é possível negar que estes desenhos são mapas e apesar de diferentes são as representações espaciais dos pensamentos e concretização da realidade deles. Porém, alfabetizar em cartografia, é permitir que retratem o real visualizado e não fazendo a representação copiada de um simples mapa existente no livro ou no Atlas. É certo que uma representação plana tem um grau de complexidade para os estudantes da 6º ano da Escola das comunidades ribeirinhas do município de Parintins e do Baixo Amazonas, por não terem uma base solidificada em cartografia. Para não fragmentar tanto, se faz necessário alfabetizar em Geografia, valorizando cada vez mais as representações gráficas, porque são verdadeiros mapas do lugar de vida.



Na representação dos desenhos estão contidas as emoções do que estão vendo e do que fazem, pois os estudantes observam quando retornam de barco para as suas casas o rio, as margens, a vegetação, os animais, as nuvens, os peixes e as nuvens. Com isso é possível dizer que se sentem fortes quando estão remando a canoa e principalmente contra a correnteza, quando vão verificar ao lago pescar e isso se parece com um jogo divertido para eles.

Como os estudantes moram próximos a margem do rio, estes têm um significado de vida, porque tem muitos peixes: botos, misteriosas arraias e também por ser a casa dos

peixes que servem de alimento para eles. Por conta disso os pais não deixam que joguem lixo no rio, senão o rio morre. No mesmo sentido encontra-se a representação da várzea, porque existe nela a floresta, o lago, os pássaros e é também onde se encontra a comunidade e também por servirem de morada para muitas famílias, que além de plantarem pescam; mais para eles o mais importante é quando enche o rio, porque podem pescar do assoalho de suas casas.



Ademais, no contexto educacional é perceptível a produção do conhecimento geográfico a partir do que foi apresentado gráfica ou cartograficamente, tendo como base e referência o vivido e aprendido pelos estudantes no seu cotidiano e especificamente o desdobramento do base de determinados conteúdos aprendidos em sala de aula e no que aprendem não oficialmente que deveria ser canalizado para o oficial, ou seja, aprendem os ensinamentos de seus pais, nas lições e ensinamentos repassados dos mais velhos para as crianças que serão os guardiões dos saberes tradicionais. Na realidade existe uma pluralidade nas representações gráficas ou cartográficas e cada uma pressupõe concepções implícitas.

É importante frisar, que a expressão de conhecimento geográfico, de conteúdo, passa a ser o elo fortalecedor da identidade cultural, podendo ser abertura de discussão para ser transformado na esperança de se construir cidadãos conscientes de seus atos e de suas atitudes, compreensivos das relações estabelecidas no local e das interferências externas, construtores de novos conhecimentos e não mais copiadores de conteúdos ou de mapas.

Considerações Finais

Em cada linha traçada um sentimento retratado; em cada árvore ou casa representadas no papel é deixada emoções e sentimento do lugar vivido, base da identidade cultural do estudante da escola das comunidades ribeirinhas.

A cartografia escolar apresentada nas representações gráficas ou cartográficas dos estudantes ribeirinhos, abriu a possibilidade de ir ao encontro de uma realidade já conhecida em uma escola de várzea ou em uma escola de terra-firme, marcada pelas remadas nas canoas, a favor ou contra a correnteza do rio Amazonas, e guardadas na lembrança, as quais despertaram inquietações que conduziram à vontade de compreender a realidade dos estudantes ribeirinhos e viver certos momentos de descoberta de suas felicidades.

Assim, foi possível compreender o exercício mental feito pelos estudantes, retratando em seus desenhos a realidade vivida, expressão de toda sua aprendizagem, seja na escola ou em casa com seus pais.

Referências

GUERRA, Antônio Teixeira. *Novo dicionário geológico-geomorfológico* / Antônio Teixeira Guerra e Antonio José Teixeira Guerra – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. “Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar”. In. PONTUSCHKA, Nídia Nacib e OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (orgs.). *Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. *Mapa mental: recurso didático no ensino de geografia no 1º grau*. São Paulo, 1994. 171 f. (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1994.

OLIVEIRA, José Aldemir de. *Cidades na Selva*. – Manaus: Editora Valer, 2000.

OLIVEIRA, Livia. “O ensino / aprendizagem de Geografia nos diferentes níveis de ensino”. In. PONTUSCHKA, Nídia Nacib e OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (orgs.). *Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2002.

